

desacordos sobre o desenho mais apropriado da pesquisa — incluindo definição e medição de conceitos — do que de resultados obtidos com um mesmo desenho.

Isto é válido tanto para pesquisas sobre tópicos altamente emocionais como religião, política e preconceito quanto para o estudo da aceleração de objetos em queda. Evidentemente, na prática, pesquisadores raramente realizam estudos quando acreditam que seu desenho é incorreto. Por exemplo, o cientista social conservador provavelmente não definirá conservadorismo de forma negativa para os conservadores.

A Ciência Social É Aberta a Modificações

Provavelmente nenhuma teoria social sobreviverá indefinidamente. Ou um crescente peso de evidências contrárias a derrubará ou se encontrará uma substituta, mais nova e parcimoniosa. Em qualquer caso, não se pode esperar que um achado de ciência social, a longo prazo, resista ao teste do tempo.

Claro que, na prática, o cientista social lida com fenômenos também afetados por ideologias — religiosas, políticas, filosóficas —, e ideologias são menos abertas a modificações que a ciência. Quando cientistas sociais explicam religiosidade em termos de variáveis estruturais, eles desafiam crenças religiosas básicas sobre comportamento moral, sistemas religiosos de recompensas e castigos etc. Quando cientistas políticos concluem que a classe operária nos EUA é mais autoritária do que a classe média, desafiam a ideologia política da esquerda. A postura determinista das ciências sociais em geral não aceita a imagem filosófica do livre arbítrio dos seres humanos, de tão antiga história na civilização ocidental.

O perigo é que alguns cientistas sociais possam estar tão pessoalmente comprometidos com certas posições ideológicas, que este compromisso os impeça de manter aberta sua prática científica. Assim, o cientista político comprometido com a esquerda pode não estar disposto a considerar, realizar ou aceitar pesquisas que possam levar à conclusão de que a classe operária é mais autoritária do que a classe média.

Já foi comentado que esta situação não é privilégio das ciências sociais. Investigações nas ciências físicas desafiaram e continuam desafiando sistemas estabelecidos de crenças ideológicas e alguns cientistas físicos têm sido prejudicados por compromissos ideológicos que reduziram a abertura de suas atividades científicas.

Métodos de Pesquisas Científico-Sociais

Apesar deste livro abordar especificamente um só método de pesquisa social, é útil colocar este método no contexto dos outros métodos disponíveis ao cientista social. Faço isto, em parte, para sugerir que o exame de um determinado fenômeno social freqüentemente é mais bem-sucedido usando-se vários métodos diferentes — ponto particularmente importante a enfatizar numa época em que a pesquisa de *survey* goza de tão grande popularidade. A pesquisa de *survey* tem vantagens especiais, mas veremos neste livro que também tem limitações e não é o método apropriado para estudar certos tópicos. Pesquisadores sociais que se restringem a um só método, *survey* ou qualquer outro, limitam gravemente sua capacidade de entender o mundo ao seu redor.

Ao mesmo tempo, é importante compreender que todos os métodos de pesquisa social são norteados pelas características gerais da ciência delineadas neste e no capítulo anterior. É útil, portanto, examinar as forças e fraquezas relativas de cada método.

O Experimento Controlado

Em muitos aspectos, o experimento controlado representa o exemplo mais claro de pesquisa científica, pelo menos na imagem popular da ciência. O desenho experimental tem muitas variações, mas aqui nos limitaremos ao desenho antes/depois com um único grupo de controle.

Suponha que você esteja interessado em métodos para reduzir o preconceito racial. Suponha também que você acredita na hipótese de que o preconceito antinegro poderia ser reduzido com uma consciência maior do papel importante dos negros na História americana. Para testar esta hipótese, você pode alugar ou mesmo produzir um filme documentando a história dos negros nos EUA. Este filme representaria o *estímulo* para o experimento.

Em seguida, você seleciona dois grupos de sujeitos. Na prática, você provavelmente procura voluntários e pode pagá-los para participarem do experimento. Se você for pesquisador universitário, provavelmente estes participantes serão alunos universitários. O mais importante na seleção dos participantes é criar dois grupos emparelhados, isto é, dois grupos de sujeitos tão parecidos um com o outro quanto

possível. Você pode conseguir isto pelo emparelhamento cuidadoso de características (sexo, idade, raça etc.), ou designando os sujeitos aos dois grupos *aleatoriamente*.

Um dos grupos será chamado *grupo experimental* e o outro *grupo de controle*. Os dois grupos serão testados para medir os níveis iniciais de preconceito contra negros. Por exemplo, ambos preencherão um questionário do tipo concordo/discordo a diversas frases manifestando preconceito antinegro. Espera-se que os dois grupos alcancem aproximadamente o mesmo escore geral neste *pré-teste*.

Em seguida, o grupo experimental assistirá ao filme documentário da história dos negros nos EUA. O grupo de controle *não* assistirá ao filme. Depois, os dois grupos serão novamente testados quanto a preconceito contra negros. A hipótese do pesquisador será confirmada se o grupo experimental demonstrar preconceito significativamente menor do que o grupo de controle no *pós-teste*.

O papel do grupo de controle em tal experimento é crítico. Serve à função de isolar o estímulo experimental como única fonte da mudança nos sujeitos do experimento. Se decorrer um longo tempo entre o pré e o pós-teste, o preconceito dos sujeitos pode diminuir graças a fatores externos ao experimento. O filme poderia então ser irrelevante para a redução observada do preconceito. Se isto ocorrer, o preconceito do grupo de controle deve diminuir também. A hipótese será confirmada somente se o preconceito do grupo experimental diminuir mais do que o do grupo de controle.

De forma semelhante, o grupo de controle ajuda o pesquisador a se precaver contra o efeito do experimento por si mesmo. É possível que o ato de testar e retestar torne os sujeitos mais sensíveis aos propósitos do estudo. Enquanto eles podem parecer relativamente preconceituosos no pré-teste, o próprio teste pode alertá-los para o fato de que o pesquisador quer descobrir quão preconceituosos são. Já que pouca gente quer ser identificada como racista, os sujeitos podem ter mais cuidado ao responderem o questionário pós-teste, procurando responder de forma a evitar aparecerem como racistas. Mas este fator deve operar igualmente no grupo de controle e no experimental, e o declínio diferencial no preconceito observado é o teste da hipótese.

Isolar as variáveis experimentais é a vantagem chave do experimento controlado. Ele apresenta também diversas desvantagens, contudo. Primeiro, o experimento controlado tipicamente

não fornece dados descritivos úteis. Se 20% dos dois grupos concordarem com uma afirmação preconceituosa, nada aprendemos sobre o percentual da população em geral que concordaria com ela, já que os sujeitos não são, via de regra, selecionados dessa população por métodos de amostragem aleatória. Se eles forem tirados de uma subpopulação especial, como estudantes, seu valor descritivo se reduz ainda mais.

Segundo, o experimento controlado representa um teste artificial da hipótese. A relevância do experimento para o mundo real está sempre sujeita a questionamento. No exemplo anterior, suponhamos que o filme documentário pareça reduzir significativamente o preconceito antinegros quando assistido como parte de um experimento científico num laboratório especial, com os sujeitos conscientes de participarem de um experimento. O filme não teria necessariamente o mesmo efeito se assistido pelo grande público na televisão ou em cinemas.

Finalmente, os achados podem não ter aplicabilidade generalizável a outros grupos da população. É concebível que o filme reduzisse preconceito entre universitários — se os sujeitos forem extraídos de estudantes —, mas não teria impacto em não-estudantes. Um exemplo não-experimental ilustra esta possibilidade. Durante anos, acreditou-se que, enquanto o preconceito contra negros era maior na classe operária do que nas classes média e alta, o anti-semitismo aumentava à medida que se subia na escala social. Tal conclusão se baseava numa série de estudos sobre preconceito realizados com estudantes universitários. Estudantes de famílias de classe alta pareciam consistentemente um pouco mais anti-semitas do que os de classes sociais relativamente mais baixas. Esse achado se deveu ao fato de que os alunos nos estudos provinham todos de uma faixa relativamente estreita de famílias de classes mais altas. O verdadeiro achado seria, então, que estudantes de classes mais altas eram ligeiramente mais anti-semitas do que alunos de classe média-alta. Estudos subsequentes da população em geral indicaram, porém, que os respondentes de classe operária eram mais anti-semitas, assim como eram também mais antinegros.

As carências do experimento controlado podem ser reduzidas pela sofisticação das pesquisas, variação do desenho experimental e replicação em grupos muito diferentes de participantes. Além do mais, o experimento controlado pode ser especialmente valioso quando combinado com outros métodos, visando a um único tópico de pesquisa.

Análise de Conteúdo

Alguns tópicos de pesquisa são susceptíveis ao exame sistemático de documentos, como romances, poemas, publicações governamentais, música etc. Este método de pesquisa chama-se *análise de conteúdo*. A título de ilustração, suponha que você queira examinar as mudanças nas atitudes oficiais dos soviéticos para com os EUA. Você pode limitar o período do estudo aos anos entre 1950 e 1990 e decidir tomar os editoriais do *Pravda* como indicadores de política oficial.

Você pode, então, ou obter cópias de todos os editoriais do *Pravda* durante aquele período ou fazer um desenho amostral selecionando, digamos, cada décimo editorial. Cada editorial será examinado e receberá um escore correspondendo a posição favorável ou crítica aos EUA — ou a ser irrelevante para os EUA. Esta atividade exige um método sistemático de atribuir escores. Você tem de especificar que tipos de referências aos EUA serão consideradas e quantificadas como favoráveis e que tipos consideradas e quantificadas como críticas. É concebível que você deseje ponderar referências diferencialmente, em termos da força relativa do apoio ou da crítica. Neste caso, é necessário especificar como, nesta ponderação, os pesos diferenciais serão atribuídos.

Tendo atribuído escores aos editoriais, você pode agora agregar os escores de forma a caracterizar diferentes períodos temporais. Talvez você combine os escores por ano, relatando, por exemplo, que 12% dos editoriais em 1950 eram favoráveis aos EUA, 8% dos de 1951 eram a favor, e assim por diante. O padrão das diferenças ao longo do tempo representará a atitude oficial soviética para com os EUA.

Se bem que estes dados sirvam a uma finalidade descritiva útil, talvez você deseje ir além de descrições para explicar as flutuações observadas na atitude oficial soviética para com os EUA. Suponha que você acredite que as atitudes soviéticas foram, em grande parte, determinadas pelo montante de críticas que a URSS recebia dos EUA; isto é, quando os EUA criticavam a URSS, esta reagia acirrando as críticas aos EUA.

Você pode examinar esta possível explicação analisando o conteúdo de discursos e debates nos EUA. Você decidiria quais formas de comunicação nos EUA melhor refletiriam o estímulo hipotetizado e examinaria e daria escores a todos ou a uma amostra deles quanto a seu conteúdo de crítica anti-soviética. Os métodos de escore teriam de ser especificados e os

escores dados teriam de ser agregados para o mesmo período de tempo usado no estudo inicial. Você então compararia os dois padrões de flutuações, para determinar se a crítica americana à URSS era tipicamente seguida ou não de pronunciamentos antiamericanos no *Pravda*.

Análise de conteúdo tem a vantagem de fornecer um exame sistemático de materiais em geral avaliados de forma mais impressionística. Um repórter pode, por exemplo, ler os editoriais do *Pravda* ao longo do tempo — anotando mentalmente os que mencionam os EUA e talvez observando os editoriais que apóiam ou criticam fortemente os EUA —, criando uma impressão geral das flutuações na postura oficial. Através da análise de conteúdo sistemática, contudo, você se previne contra vieses inadvertidos que pode projetar no estudo. Você pode começar suspeitando que a URSS foi relativamente pró EUA durante um certo período, podendo, inconscientemente, dar mais atenção a conteúdos de editoriais favoráveis neste período, descontando os editoriais negativos descobertos. Seguindo rigorosamente um sistema preestabelecido de amostragem e atribuição de escores, você reduziria a influência de seus vieses.

Como todo método de pesquisa, a análise de conteúdo tem pontos fracos. Primeiro, o tipo de documentos selecionados para exame pode não ser a medida mais apropriada da variável estudada: é possível que editoriais do *Pravda* não sejam o melhor indicador da atitude soviética oficial para com os EUA. Discursos públicos de autoridades governamentais selecionadas ou pronunciamentos soviéticos no saguão das Nações Unidas poderiam ser mais apropriados. Na maioria dos casos, não há como determinar qual fonte representa o melhor foco do estudo. Este inconveniente pode ser minimizado examinando sistematicamente diferentes fontes e determinando se cada fonte leva à mesma conclusão.

Segundo, métodos de escore quase sempre contêm um elemento arbitrário. Alguns comentários em editoriais nos EUA são tão ambíguos que atribuir-lhes escores é difícil, talvez impossível. Outros comentários podem ser julgados favoráveis por um observador e críticos por outro. Talvez o pesquisador consiga reduzir esse problema pedindo avaliações independentes de outros pesquisadores experientes no assunto. Se vários observadores independentes concordarem sobre o escore dos comentários num editorial, a utilidade deste sistema de quantificação cresce. Em última análise, não há como garantir, com segurança absoluta, que comentários editoriais estão recebendo o escore certo. No lugar dessa confiabilidade absoluta, você

deve ser o mais específico possível na criação, execução e relato do sistema de escore. Os leitores do seu relatório da pesquisa devem saber, pelo menos, o que os escores representam exatamente, mesmo se discordarem da adequabilidade do sistema usado.

Análise dos Dados Existentes

Pesquisa científica não é igual a coleta e análise de dados originais. De fato, alguns tópicos de pesquisa podem ser estudados analisando dados já coletados e compilados. O exemplo clássico é o estudo do suicídio de Émile Durkheim.³ Interessado em descobrir as razões primárias do suicídio, Durkheim conduziu sua investigação sem coletar um só dado original. Ele testou um amplo espectro de hipóteses examinando taxas publicadas de suicídio em diferentes áreas geográficas. Por exemplo, examinou taxas diferentes de suicídio de protestantes e católicos, comparando as taxas de áreas predominantemente protestantes com as de áreas predominantemente católicas. Examinou os efeitos do clima, comparando taxas de regiões quentes com as de regiões mais frias.

A análise de dados agregados existentes tem a grande vantagem da economia. O pesquisador não precisa arcar com os custos de amostragens, entrevistas, codificações, recrutamento de sujeitos experimentais etc. Mas esta forma de pesquisa social tem duas importantes desvantagens.

Primeiro, o pesquisador fica limitado a dados já coletados e compilados, que podem não representar adequadamente as variáveis que o interessam. No entanto, este problema pode ser resolvido com uma boa dose de engenhosidade. Quando Samuel Stouffer examinou os efeitos da Grande Depressão nas famílias americanas e fora dos EUA, considerou vários indicadores possíveis de uma quebra hipotética de normas familiares tradicionais.⁴ Taxas de divórcio forneceram um indicador, mas Stouffer foi bem além, considerando as taxas de casamentos inter-religiosos, cerimônias civis em oposição a religiosas, casamentos fora dos Estados onde viviam os casais etc. Durkheim exibiu engenhosidade semelhante no estudo do suicídio.

O segundo problema tem a ver com o que é chamado de *falácia ecológica*. Sempre que você correlaciona variáveis geradas a partir de dados agregados, torna-se difícil determinar se a mesma relação entre as variáveis permanece verdadeira no nível dos indivíduos. Por exemplo, quando Durkheim encontrou taxas

de suicídio consistentemente mais altas em áreas predominantemente protestantes do que em áreas predominantemente católicas, não teve como determinar se os protestantes estavam cometendo suicídio. É concebível que católicos residindo em áreas predominantemente protestantes apresentassem as taxas de suicídio mais altas de todas. Também, quando Stouffer encontrou mais casamentos “impulsivos” durante os anos da Depressão, não teve como determinar se os envolvidos eram os mais afetados pela Depressão. Um exame engenhoso e lógico dos dados pode ajudar a reduzir este risco. Incentivo a leitura dos dois livros citados, para ver algumas das formas usadas por Stouffer e Durkheim para resolver o problema.

Estudo de Caso

O *estudo de caso* é uma descrição e explicação abrangentes dos muitos componentes de uma determinada situação social. Um estudo de comunidade, como o de W. Lloyd Warner sobre a comunidade de “Jonesville”, é um exemplo de estudo de caso.⁵ Num estudo de caso, você busca coletar e examinar o máximo de dados possíveis sobre o seu tema. Num estudo de comunidade, você aprende a história da comunidade, seus aspectos religiosos, políticos, econômicos, geográficos, composição racial etc. Você pode procurar determinar a estrutura de classes da comunidade, isto é, quem são os cidadãos mais importantes e poderosos e quem está embaixo da pirâmide.

Em resumo, você procura a descrição mais abrangente possível da comunidade e tenta determinar as inter-relações lógicas dos seus vários componentes. Qual foi o impacto do fechamento da madeireira no início dos anos 30? Como, em 1960, o prefeito reformista mudou as relações de poder na comunidade? O que causou a invasão dos Yuppies nos anos 80?

É importante saber que, quanto aos objetivos científicos, a abordagem estudo de caso de pesquisa social difere radicalmente dos outros métodos vistos até aqui. Enquanto a maioria das pesquisas visa diretamente o entendimento generalizado, o estudo de caso, busca inicialmente o entendimento abrangente de um só caso idiossincrático. Se a maioria das pesquisas procura limitar o número de variáveis consideradas, o estudo de caso tenta maximizá-lo. Em última análise, o pesquisador, fazendo um estudo de caso, busca, tipicamente, conhecimentos geralmente aplicáveis além do caso único estudado, mas por si só o estudo de caso não garante esta generalizabilidade.

Por exemplo, um estudo de caso pode sugerir que a entrada de trabalhadores estrangeiros não qualificados na comunidade teve como efeito geral promover a ascensão ocupacional dos trabalhadores nativos, com muitos assumindo cargos de supervisão dos novos migrantes. Este achado pode levá-lo a supor que você descobriu um princípio geral de mobilidade ocupacional e que mudança semelhante ocorreria na maioria das comunidades que sofressem influxo de mão de obra estrangeira não-qualificada. Um único estudo de caso, contudo, não poderia confirmar esta hipótese, e estudos adicionais em outras comunidades seriam necessários para confirmá-la.

Observação Participante

O termo *observação participante* refere-se a um método de coleta de dados em que o pesquisador torna-se participante no evento ou grupo social estudado. Você pode juntar-se a uma marcha de protesto como forma de colher dados sobre os outros participantes, ou entrar num grupo religioso que deseja estudar.

Na prática, como observador participante, você pode ou não revelar seu papel de pesquisador; esta decisão tem importantes implicações metodológicas e éticas. Se você admitir abertamente aos demais participantes que está realizando um estudo científico do grupo, sua presença pode afetar o fenômeno que pretende estudar. Saber que suas ações podem ser publicadas pode afetar o modo como os participantes agem. Por outro lado, se você esconder suas atividades de pesquisa e fingir ser um membro típico do grupo, estará sujeito às questões éticas relativas a engano. Além do mais, filiação aparentemente genuína pode apresentar problemas científicos. O que você fará se for eleito presidente do grupo ou se pedirem sua opinião sobre o que o grupo deve fazer em seguida? Sua reação afetará o que você está tentando estudar. Já que situações e finalidades de pesquisas variam tanto neste aspecto, não se pode dar uma diretriz geral, mas você deve estar consciente das questões envolvidas.

Como o estudo de caso, a observação participante visa colher muita informação detalhada. Mergulhando nos eventos sociais em andamento, você estará em condições de atingir profundidade de conhecimento muito maior do que seria possível, por exemplo, na análise de conteúdo ou no experimento. Ao mesmo tempo, porém, o observador participante encontra grande dificuldade em manter procedimentos sistemáticos de pesquisa. Já que será humanamente impossível observar e documentar tudo o que acontece, você terá de selecionar seus dados. Tentar

observar e registrar tudo pode resultar numa situação na qual vieses inconscientes se tornam a base da seleção. Por exemplo, se você começa a firmar a conclusão de que estudantes mulheres estão se tornando mais atuantes na direção de marchas de protesto, pode, inconscientemente, ficar mais pronto a anotar as instâncias que sustentam esta conclusão. Em última análise, o perigo maior é não conseguir dizer ao leitor quais critérios você usou na seleção e relato das observações, para que ele possa avaliar a adequabilidade dos critérios usados e a generalizabilidade das conclusões.

Voltaremos a considerar brevemente estes métodos de pesquisa nas conclusões do Capítulo 3, que examina a pesquisa de *survey*. Após descrever a natureza, as forças e fraquezas dos métodos de *survey*, nós os compararemos com os outros métodos descritos neste capítulo. As conclusões a que chegaremos podem ser reveladas aqui: (1) situações diferentes de pesquisas sociais requerem métodos diferentes e (2) o melhor formato muitas vezes é o que envolve o uso de diversos métodos focados no mesmo tópico.

Resumo

Neste capítulo, consideramos a possibilidade de aplicar métodos de investigação científica ao comportamento social. Mesmo anotando algumas considerações particulares pertinentes a esta aplicação, não encontramos nenhum obstáculo fundamental às ciências sociais. Embora as características da ciência em geral possam ser trazidas para o estudo da sociedade, isto não pode ser feito emulando a imagem tradicional da ciência.

Vimos também que pesquisadores sociais podem usar vários métodos de pesquisa para observar e entender o comportamento social. O capítulo seguinte aborda especificamente a pesquisa de *survey* como mais um método de pesquisa social. Logo veremos que as características básicas da ciência em geral aplicam-se igualmente à pesquisa de *survey* em particular.

Notas

¹ STOFFER, Samuel A. et al. *The American Soldier*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1949.

² Estes achados são discutidos no Capítulo 15, "O Modelo de Elaboração".

³ DURKHEIM, Émile. *Suicide: a Study in Sociology*. Trad. George Simpsen. New York: Free Press, 1951.

⁴ STOUFFER, Samuel A. *Social Research to Test Ideas*. New York: Free Press, 1962. p.134-153.

⁵ WARNER, W. Lloyd. *Democracy in Jonesville*. New York: Harper & Row, 1949.

Leituras Adicionais

BABBIE, Earl. *Observing Ourselves: Essays in Social Research*. Belmont, CA: Wadsworth, 1986.

COOK, Thomas D., CAMPBELL, Donald T. *Quasi-Experimentation: Design and Analysis Issues for Field Settings*. Chicago: Rand McNally, 1979.

DURKHEIM, Émile. *The Rules of Sociological Method*. Trad. Sarah Solovay e John Mueller. New York: Free Press, 1962. (Editado por George Catlin.)

HOLSTI, Ole. *Content Analysis for the Social Sciences and Humanities*. Reading: Addison-Wesley, 1969.

HUNT, Morton. *Profiles of Social Research: The Scientific Study of Human Interactions*. New York: Russell Sage Foundation, 1958.

LOFLAND, John. *Analyzing Social Settings*. Belmont, CA: Wadsworth, 1984.

McCALL, George, SIMMONS, J. L. (Ed.). *Issues in Participant Observation: a Text and Reader*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1969.

RAY, William, RAVIZZA, Richard. *Methods Toward a Science of Behavior and Experience*. Belmont, CA: Wadsworth, 1985.

WALLACE, Walter. *The Logic of Science in Sociology*. Chicago: Aldine-Atherton, Inc., 1971.

Capítulo 3

Pesquisa de Survey como Método das Ciências Sociais

Este livro aborda fundamentalmente a lógica e as capacidades de um método de pesquisa: o *survey*. Antes de continuar, descreveremos rapidamente os componentes do *survey* típico, se bem que veremos mais tarde que métodos de *survey* podem ser aplicados a uma vasta gama de tópicos e desenhos.

Suponha o interesse de estudar atitudes de estudantes de uma universidade. Seleciona-se uma *amostra* de centenas de estudantes da totalidade do corpo discente. Um *questionário* é elaborado para obter informações (por exemplo, atitudes) relevantes ao tema investigado. Os questionários são aplicados à amostra de alunos, através de entrevistas pessoais, por telefone ou por correio. As respostas de cada estudante da amostra são codificadas de forma padronizada e registradas de forma *quantitativa*. A seguir, transferem-se as respostas codificadas de cada aluno para disquetes de computador. Os registros padronizados de todos os alunos são submetidos a uma análise agregada, para fornecer descrições dos estudantes da amostra e determinar correlações entre diferentes respostas. As conclusões descritivas e explicativas obtidas pela análise são, então, generalizadas para a população da qual a amostra foi selecionada, neste caso todo o corpo estudantil.

Breve História da Pesquisa de *Survey*

Pesquisa de *survey* apresenta semelhanças suficientes com outros métodos de pesquisa para ter uma história bem longa. Em particular, *surveys* são muito semelhantes a censos, sendo a diferença principal entre eles que um *survey*, tipicamente, examina uma amostra de população, enquanto o *censo* geralmente implica uma enumeração da população toda. Censos remontam, no mínimo, à antiga civilização egípcia, onde os governantes julgavam útil colher dados empíricos descrevendo seus súditos. As funções políticas da pesquisa de *survey* continuam até hoje, com a continuação dos censos, a aparição de pesquisas políticas encomendadas por candidatos e usos feitos por sociólogos políticos. Um dos primeiros usos políticos do *survey* de atitudes ocorreu em 1880. Um sociólogo político alemão enviou questionários pelo Correio a 25.000 trabalhadores franceses, para averiguar em que grau eram explorados pelos patrões. Era um questionário bem longo, incluindo itens como:

Seu empregador ou representante dele lança mão de desonestidade para privá-lo de parte do seu salário?
Se você se abastece nos armazéns da empresa, a qualidade dos produtos serve de pretexto para deduções fraudulentas do seu salário?¹

O pesquisador em questão era Karl Marx. 25.000 questionários foram enviados e não há qualquer registro de que algum tenha sido retornado.

Informa-se também que Max Weber, um dos fundadores da sociologia moderna, usou métodos de pesquisa de *survey* no seu estudo sobre a ética protestante. Além do exame histórico comparativo do desenvolvimento econômico, ele também estudou operários protestantes e católicos, para obter dados confirmatórios em nível individual.²

Mas a maioria da pesquisa de *survey* contemporânea foi realizada neste século por pesquisadores americanos. O estado atual do método resulta de importante trabalho de desenvolvimento em três setores distintos da sociedade americana. Primeiro, o trabalho ininterrupto do U. S. Bureau of Census fez importantes contribuições aos campos de *amostragem* e *coleta de dados*. Apesar do Bureau ser mais conhecido pelo *recenseamento decenal* da população americana, a grande maioria das atividades da agência tem a ver com uma série contínua de *surveys* amostrais que constantemente atualizam dados demográficos e econômicos entre os recenseamentos.

O Bureau desempenhou um papel singularmente importante no desenvolvimento de definições padronizadas de amostragens e de métodos para a implementação destas definições no campo. Ao mesmo tempo, os dados gerados pelo Bureau constituíram um valioso recurso para o desenvolvimento de *desenhos de amostras em surveys específicos*. (O Capítulo 6 ilustra este ponto com detalhes.)

A segunda fonte de desenvolvimento foram as atividades de firmas comerciais de pesquisas de opinião, entre elas as organizadas por George Gallup, Elmo Roper, Louis Harris e outros. Estas firmas foram uma fonte contínua de fundos para apoiar o desenvolvimento e o uso de métodos de *survey*, principalmente nas áreas de *marketing de produtos* e de *pesquisas de políticas*. Em épocas em que não havia recursos para sustentar pesquisas acadêmicas de *survey*, estas empresas comerciais fizeram *experimentação com métodos de amostragem, redação de perguntas, técnicas de coleta de dados* e outros aspectos de pesquisa de *survey*. Além disso, pesquisas comerciais de opinião têm sido uma fonte de dados de valor incalculável para *análise secundária*, e numerosos livros e artigos acadêmicos foram publicados relatando análises mais detalhadas de dados coletados inicialmente para fins descritivos e comerciais.³

Terceiro, o refinamento científico da pesquisa de *survey*, sobretudo métodos sofisticados de análise, foi em grande parte o produto de algumas poucas universidades americanas. Mais especificamente, dos esforços de dois homens e, mais tarde, de centros de pesquisas de *survey*. Samuel A. Stouffer e Paul F. Lazarsfeld devem ser considerados pioneiros da pesquisa de *survey* como ela é conhecida hoje.

A obra pioneira de Stouffer consistiu, em grande parte, em tentativas de aplicar métodos empíricos de pesquisa social a problemas sociais, começando com análises dos efeitos da Depressão nos EUA e com coleta de dados sobre o *status* dos americanos negros nos anos 30.⁴ Na II Grande Guerra, Stouffer dirigiu o Departamento de Informação e Educação do Exército dos EUA, reunindo um grupo emergente de cientistas sociais para examinar temas relevantes ao sucesso americano na guerra.⁵ Durante a era McCarthy, no início dos anos 50, Stouffer realizou *surveys* nacionais para examinar os efeitos da cruzada anticomunista.⁶

Nestes e em inúmeros outros estudos, Stouffer procurou desenvolver métodos científicos de pesquisa empírica, adequados ao exame dos fenômenos sociais. Seus esforços contavam com um sólido treinamento científico pelos estatísticos britânicos

Karl Pearson e R. A. Fisher, bem como de sua criatividade inata. O legado de Stouffer é evidente em desenhos de pesquisas, métodos de amostragem, desenhos de questionários, lógica de análise e outros métodos de *survey* ainda hoje usados correntemente.

Paul Lazarsfeld trouxe para os EUA uma formação intelectual européia. Como Stouffer, interessava-se pelo estudo de fenômenos sociais como liderança, comunicações, comportamento econômico e profissões. No exame desses tópicos, Lazarsfeld, como Stouffer, desenvolveu técnicas rigorosas para aplicar métodos empíricos a questões sociais. Na área do comportamento político, ele achou importante examinar o voto como processo e não como evento singular. Para isso, projetou e realizou *estudos de painéis*, reentrevistando um determinado grupo de respondentes em ocasiões diferentes durante uma campanha política, acompanhando assim mudanças nas intenções de voto ao longo do tempo. Não contente em descrever, Lazarsfeld combinou este esforço com um exame cuidadoso dos fatores demográficos e sociais associados às mudanças observadas.⁷

As contribuições de Lazarsfeld para o desenvolvimento da pesquisa de *survey* foram tantas que não se poderia enumerá-las todas aqui; mas três merecem ser citadas. Primeiro, a carreira de Lazarsfeld correu paralela ao desenvolvimento técnico dos equipamentos mecanizados de processamento de dados — inicialmente os perfuradores e separadores de cartões e depois os computadores. Deve-se creditar a ele o reconhecimento do potencial de uso desses equipamentos na pesquisa social analítica e haver encaminhado jovens cientistas sociais para realizar esse potencial.

Segundo, Lazarsfeld usou equipamentos mecanizados de processamento de dados para elucidar e formalizar a lógica da análise de *survey*. Enquanto a engenhosidade de Stouffer o levou a sugerir razões para relações observadas nos estudos sobre o Exército americano na II Guerra Mundial, foi Lazarsfeld quem formalizou estas razões num modelo lógico destas relações, mostrando como o modelo podia ser implementado na prática.⁸ (Este tópico é discutido mais detalhadamente no *modelo de elaboração*, Capítulo 15.)

A terceira grande contribuição de Lazarsfeld foi a criação do centro permanente de pesquisas de apoio aos métodos de *survey*, começando com a organização do Bureau for Applied Social Research na Columbia University. À semelhança do grupo de pesquisas de Stouffer no Exército, o Bureau reuniu e treinou uma legião de jovens e brilhantes cientistas sociais;

o Bureau, porém, conseguiu sobreviver no pós-guerra. Organizações semelhantes, estabelecidas depois, incluem o Survey Research Center na Universidade da Califórnia em Berkeley, o National Opinion Research Center na Universidade de Chicago, o Institute for Social Research da Universidade de Michigan, o Survey Research Center na Universidade da Califórnia em Los Angeles, e o Survey Research Laboratory da Universidade de Wisconsin.

Além destas instituições, há atualmente institutos e centros semelhantes em campi universitários espalhados pelos EUA e pelo mundo, servindo a diversas funções. Primeiro, embora os departamentos acadêmicos freqüentemente ofereçam ensino em sala de aula sobre métodos de *survey*, os centros de *survey* caracteristicamente permitem que estudantes recebam treinamento prático de aprendizado, muitas vezes trabalhando como assistentes de pesquisa. Segundo, inúmeros *surveys* são realizados em tais centros, bancados por subvenções governamentais e de fundações ou encomendados por clientes comerciais. Os centros também dão consultorias e fazem outras prestações de serviços a pesquisadores usuários de metodologias de *survey*. Finalmente, esses centros desempenham um papel importante no desenvolvimento metodológico da pesquisa de *survey*. Enquanto um pesquisador individual conduzindo um projeto de pesquisa pode relutar em experimentar técnicas alternativas de coleta de dados, uma unidade organizada de pesquisas é capaz de fazê-lo em diversos estudos.

Antes de concluir esta breve história do *survey*, devemos mencionar o papel desempenhado pelas associações profissionais. Ao longo dos anos, associações profissionais, cujos membros freqüentemente utilizam métodos de *survey*, têm promovido discussões de novas técnicas e descobertas empíricas em suas reuniões e publicações especializadas. Talvez as três associações principais neste aspecto sejam a American Sociological Association, a American Political Science Association e a American Marketing Association. Também a AAPOR (American Association for Public Opinion Research) tem sido de grande relevância para os pesquisadores de *survey*, reunindo praticantes dos setores acadêmico, comercial e governamental. A *Public Opinion Quarterly*, publicação trimestral da AAPOR, é o veículo chave da pesquisa de *survey*.

Capítulos subsequentes rasteiam a história de certos componentes da pesquisa de *survey*. Contra o pano de fundo desta breve visão geral, vamos examinar agora o lugar da pesquisa de *survey* no contexto geral da ciência.

Características Científicas da Pesquisa de *Survey*

Como já foi observado, a pesquisa de *survey* é só uma de muitas ferramentas de pesquisa disponíveis para pesquisadores sociais. Vale a pena repetir que métodos de *survey* não são apropriados a muitos tópicos de pesquisa, nem oferecem necessariamente a melhor abordagem a assuntos aos quais podem ser aplicados. Mesmo assim, o *survey* pode ser usado vantajosamente no exame de muitos temas sociais e é particularmente eficaz quando combinado com outros métodos.

Mais importante, acredito que a pesquisa de *survey* oferece o melhor exemplo para ensinar metodologia nas ciências sociais. Se você compreende bem a lógica e as capacitações da pesquisa de *survey*, está muito bem preparado para aprender e usar outros métodos de pesquisa social. Digo isto porque vejo a pesquisa de *survey* como um crustáceo: todos os ossos estão do lado de fora. Nos capítulos seguintes examinaremos cuidadosamente todas as aproximações, compromissos e outras carências da pesquisa de *survey*. Como discutiremos em breve, a pesquisa de *survey* tem uma função pedagógica, porque todas as deficiências ficam mais claras nela do que em outros métodos de pesquisa social, permitindo assim avaliações mais conscientes de suas implicações.

A Pesquisa de *Survey* É Lógica

Pesquisa de *survey* é guiada por todas as restrições lógicas já abordadas nos dois capítulos anteriores. Além do mais, na prática, os dados de *survey* facilitam a aplicação cuidadosa do pensamento lógico. Embora este tópico vá ser explorado com mais detalhes no Capítulo 15, um exemplo será apropriado agora.

Num estudo sobre envolvimento de episcopais na sua igreja,⁹ Charles Glock, Benjamin Ringer e eu descobrimos que mulheres de classe social baixa eram mais atuantes do que mulheres de *status* social mais alto. Quanto mais alta a classe social, menor a participação. Procuramos explicar este fenômeno em termos da *teoria da privação do envolvimento na igreja* — pessoas a quem se nega prestígio e *status* na sociedade secular se envolvem mais provavelmente na vida da igreja como fonte alternativa de gratificação. Sugerimos que a maior intensidade de atividade na igreja de mulheres de classe social baixa reflete a maior privação delas na sociedade secular. Por extensão, sugerimos que, entre as mulheres que gozavam de algum grau de gratificação de *status* secular, classe social

não afetaria envolvimento na igreja. Os dados disponíveis indicavam se as entrevistadas na pesquisa já haviam ocupado algum cargo em instituição secular. Esperávamos, logicamente, que, entre mulheres com cargo na vida secular, classe social não afetaria envolvimento na igreja. Esta expectativa foi testada empiricamente e provou estar correta.

O formato da pesquisa de *survey* muitas vezes permite desenvolvimento e teste rigorosos, passo a passo, de tais explicações lógicas. Além disso, o exame de centenas e até milhares de entrevistas de *survey* permite testar proposições complexas envolvendo diversas variáveis em interação simultânea.

A Pesquisa de *Survey* É Determinística

Sempre que o pesquisador de *survey* procura explicar as razões para e as fontes de eventos, características e correlações observados, a investigação deve assumir uma postura determinística. O fato do formato *survey* permitir elaboração clara e rigorosa de um modelo lógico clarifica o sistema determinístico de causa e efeito.

Além disso, a disponibilidade de numerosos casos e variáveis permite ao analista documentar processos causais mais elaborados. Podemos ir além da observação inicial de uma correlação entre variável independente e dependente, para examinar o papel de diversas variáveis intervenientes. Assim, voltando ao exemplo acima, notamos que classe social não afeta diretamente envolvimento de mulheres episcopais na igreja, tendo efeito através da variável interveniente gratificação secular. Mulheres de classes sociais baixas têm probabilidade menor de serem eleitas para ocupar cargos em organizações seculares. Conseqüentemente, estas mulheres, como grupo, se envolvem mais na vida da igreja, mas, se *recebem* gratificação secular, sua classe social não afeta envolvimento na igreja.

A Pesquisa de *Survey* É Geral

Surveys amostrais quase nunca são realizados para descrever a amostra particular estudada. São realizados para se entender a população maior da qual a amostra foi inicialmente selecionada. Assim, a Gallup pode entrevistar 1.500 eleitores americanos para predizer como dezenas de milhões votarão no dia da eleição. *Surveys* amostrais de consumidores visam conhecer preferências e comportamentos de consumidores em geral.

Do mesmo modo, análises explicativas em pesquisas de *survey* visam desenvolver proposições gerais sobre

comportamento humano. O formato *survey* permite este objetivo científico genérico de duas maneiras. Primeiro, o grande número de casos estudados num *survey* permite que achados possam ser replicados entre vários subconjuntos da amostra do *survey*. Se uma correlação geral é encontrada, por exemplo, entre escolaridade e padrões de compra, os pesquisadores conseguem determinar facilmente se esta relação ocorre igualmente entre homens e mulheres, protestantes e católicos, brancos e negros, pessoas de regiões geográficas diferentes etc. Replicar um achado entre subgrupos diferentes fortalece a certeza de que ele representa um fenômeno geral na sociedade. Segundo, o relato cuidadoso da metodologia de um *survey* facilita réplicas posteriores por parte de outros pesquisadores e/ou entre outras amostras e subgrupos. Deste modo, a generalizabilidade dos achados pode ser testada e retestada.

A Pesquisa de Survey É Parcimoniosa

Como pesquisadores de *survey* têm à disposição um grande número de variáveis, estão em posição excelente para examinar cuidadosamente a importância relativa de cada uma. Como todo cientista, pesquisadores de *survey* querem obter o máximo de compreensão com o menor número de variáveis. Não precisam adivinhar as variáveis mais relevantes no desenho inicial do estudo, contudo (ou, pelo menos, não tanto quanto pesquisadores usando outros métodos). Já que o formato *survey* permite obter muitas variáveis que podem ser quantificadas e processadas por computador, os pesquisadores de *survey* podem construir vários modelos explicativos e então selecionar o que melhor servir seus propósitos.

A Pesquisa de Survey É Específica

No contexto da característica científica da especificidade, a natureza tipo crustáceo da pesquisa de *survey* é extremamente relevante. Ironicamente, esta característica também expõe os métodos de *survey* a um máximo de críticas.

Suponha que um *survey* conclua que conservadorismo político e preconceito contra mulheres se relacionam positivamente. Tal conclusão se baseou em definições operacionais específicas de conservadorismo e de preconceito contra mulheres. A medição de cada variável foi construída a partir de respostas específicas a itens específicos de questionário codificados e quantificados de forma específica. Visto que todos estes detalhes constam do relatório da pesquisa, o leitor crítico está

apto a descobrir que respondentes descritos como “muito preconceituosos” são os que concordaram com cinco itens específicos do questionário. Os críticos podem objetar que este critério não capturou plenamente o significado de “preconceito” como eles — e, por extensão, outros — entendem o termo. Podem, então, decidir que a conclusão geral não tem fundamento.

De certo modo, tal resposta seria válida. A conceituação e a medição de variáveis estão no âmago da prática científica, e se variáveis não são adequadamente conceituadas e medidas, correlações observadas entre elas podem não fazer sentido. Assim, se observadores independentes discordarem sobre como variáveis foram medidas, podem discordar logicamente da conclusão geral.

Muitas vezes se passa por alto esta facilidade com que leitores críticos podem chegar a, e talvez, documentar seus desacordos. Porque os analistas de *survey* descreveram precisamente como desenvolveram e fizeram suas medidas, o leitor sabe exatamente o que estas medidas representam. A superficialidade e as aproximações que fazem parte de toda pesquisa científica são, simplesmente, mais aparentes num *survey*.

Em contraste, suponha que você estudou a relação entre conservadorismo e preconceito contra mulheres mergulhando como observador participante em vários grupos políticos. Você pode relatar que suas observações sugerem que os *liberais* têm mais preconceito contra mulheres que os conservadores. Em seu relatório, você pode descrever qualitativamente como distinguiu conservadores de liberais e preconceituosos de não-preconceituosos, captando a profundidade de significado que estes termos têm no uso da linguagem comum, evitando assim a aparente superficialidade de itens de questionários e medidas de *survey*.

Infelizmente, o observador independente não tem como saber precisamente como suas descrições foram usadas na prática, nem como julgar até que ponto seu viés, talvez inconsciente, pode ter afetado suas classificações de pessoas em termos de política e preconceito. Isto não quer dizer que suas observações e designações foram tendenciosos ou que sua conclusão estava incorreta. É importante, porém, o fato de que nem você nem o observador independente são capazes de decidir a respeito. (Deve-se observar, é claro, que, na prática, a observação participante varia em rigor e especificidade. O ponto é que o *próprio método* força o pesquisado de *survey* a ser explícito.)

A pesquisa científica visa a conceituações e medidas cada vez mais sofisticadas e úteis, mas a cada passo do caminho

os métodos usados devem ser especificados. Por sua própria natureza, a pesquisa de *survey* se encaixa como uma luva nesta característica.

Conclusão

As demais características da ciência são igualmente relevantes no contexto da pesquisa de *survey*. Onde a ciência deve ser *empiricamente verificável*, a pesquisa de *survey* oferece um método de verificação empírica. Os comentários nas seções anteriores também ilustram como o formato *survey* é adequado à *intersubjetividade*.

Finalmente, métodos de pesquisa de *survey* facilitam a *abertura da ciência*. Já que a pesquisa de *survey* envolve a coleta e *quantificação* de dados, os dados coletados se tornam fonte permanente de informações. Um corpo de dados de *survey* pode ser analisado pouco depois da coleta e confirmar uma determinada teoria de comportamento social. Se a própria teoria sofrer modificações mais tarde, é sempre possível retornar ao conjunto de dados e reanalizá-los sob a nova perspectiva teórica. Esta nova análise não poderia ser realizada tão facilmente no caso de métodos de pesquisa menos rigorosos e menos específicos.

Comparação do Survey com Outros Métodos

As seções anteriores mostraram diversas comparações entre pesquisa de *survey* e outros métodos científicos de pesquisa social. Foi salientado que uma investigação abrangente se beneficiaria com o uso de métodos diferentes focados num só tópico. A esse respeito, três pontos devem ser ressaltados.

Primeiro, a lógica do experimento controlado pode se constituir num guia útil à lógica da análise do *survey*. Onde o experimentador isola a variável experimental pelo uso de grupos emparelhados ou randomizados — grupos experimental e de controle —, o analista do *survey* busca o mesmo fim controlando as variáveis *post-facto*. Por exemplo, o experimentador pode garantir que os grupos experimental e de controle tenham a mesma distribuição de sexos, para evitar uma possível influência desta variável no experimento. O analista do *survey* consegue isto garantindo que subgrupos na amostra tenham a mesma distribuição de sexos ou testando separadamente a relação observada entre homens e mulheres.

Todavia, o objetivo lógico de isolar variáveis relevantes pela exclusão da influência de variáveis estranhas é a mesma para os dois métodos.

Segundo, a codificação das respostas do *survey* é essencialmente uma instância de análise de conteúdo. Frequentemente, o pesquisador de *survey* fará perguntas *abertas* que pedem resposta nas próprias palavras do respondente. Tais respostas, porém, devem sempre ser codificadas em tipos de respostas. Pode, então, ser necessário codificar um conjunto de respostas como apoiando ou opondo-se em geral a uma determinada lei. A esse respeito, os pesquisadores de *survey* têm muito a aprender com as experiências e métodos dos analistas de conteúdo.

Terceiro, as entrevistas de *survey* podem beneficiar-se com a experiência dos observadores participantes. Métodos para obter *rapport*, manter neutralidade e fazer observações precisas são importantes para ambas as atividades.

A Pesquisa de Survey É Realmente Científica?

Em vista das críticas por vezes feitas aos cientistas sociais, aos pesquisadores de *survey* e aos sociólogos praticantes de *survey* em particular, permito-me concluir este capítulo um tanto chauvinistamente. Há vários anos, Allan Mazur publicou um artigo intitulado “A Menor das Ciências”,¹⁰ onde levantava a questão de se a sociologia podia ser chamada de ciência. Como sugere o título do artigo, ele concluiu que essa designação mal se justificava. Não é de se surpreender que o artigo suscitasse respostas imediatas e muitas vezes acaloradas.

Como a maioria dos seus comentaristas, positivos ou negativos, Mazur também concordaria que nenhuma resposta definitiva é possível na questão de se uma disciplina como a sociologia é ou não uma ciência. Como vimos no Capítulo 1, qualquer definição de ciência deve ser arbitrária; portanto, não pode haver respostas absolutas. Ao mesmo tempo, a questão merece ser discutida, mesmo não podendo ser respondida.

Penso que, no futuro, pesquisadores olharão para trás, para essa era, e concluirão que o uso da pesquisa de *survey* por sociólogos e outros cientistas sociais foi um período crítico *no desenvolvimento da ciência em geral*. Esta expectativa hipotética não é um mero vago sonho megalomaniaco de um pesquisador de *survey* que, por coincidência, foi treinado como sociólogo. Os comentários de dois outros pesquisadores ilustram a razão desta expectativa.

O economista Daniel Suits, falando há alguns anos em Honolulu, numa conferência de pesquisadores e planejadores governamentais, abandonou a costumeira terminologia acadêmica e não falou nem das “ciências duras” (como física e química) nem das “ciências macias” (como sociologia, ciência política e pesquisa de mercado), preferindo distinguir entre ciências “duras” e “fáceis”. Seu ponto era que físicos podem realizar pesquisas científicas facilmente, dado o assunto com que trabalham, enquanto cientistas sociais têm um osso muito mais duro para roer.

Martin Trow rasteou algumas das implicações desta situação num contexto diferente.¹¹ Abordando os usos dos métodos de *survey* no campo da educação, Trow notou uma anomalia interessante. Ele observou primeiro que o ambiente educacional é quase ideal para pesquisa de *survey*: os entrevistados são articulados, conhecem questionários, são fáceis de enumerar e amostrar, e os questionários podem ser administrados em condições controladas na sala de aula. Trow indagou, então, por que a maioria dos *surveys* educacionais são tão triviais e não-sofisticados? Sua resposta foi que as condições são *boas demais*. Pesquisadores educacionais nunca tiveram que lidar com condições imperfeitas de pesquisas e como nunca foram obrigados a fazer compromissos e aproximações no desenho e na execução das pesquisas, nunca tiveram dificuldades com a lógica básica da pesquisa científica de *survey*. Nunca tendo de se afastar do ideal óbvio, nunca conseguiram entender plenamente por que ela era considerada ideal.

Penso que esta observação de Trow tem um significado bem mais geral. As próprias adversidades com que as ciências sociais se deparam requerem a criação de um sistema lógico de entendimento mais sofisticado. Além disso, a pesquisa de *survey*, por causa de sua especificidade operacional, pode prover o veículo mais útil para lidar com tais adversidades de forma rigorosa e sistemática. Alguns exemplos esclarecem mais este ponto.

Quando químicos desejam estudar as propriedades do hidrogênio, provavelmente não se preocupam muito com técnicas de amostragem. Já que um átomo de hidrogênio é igual a qualquer outro, qualquer átomo serve para o estudo. Mas cientistas sociais não podem estudar qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos que lhes sejam convenientes. Os químicos podem generalizar seus achados para qualquer hidrogênio baseados apenas no estudo de átomos convenientes, mas os cientistas sociais devem desenvolver um entendimento mais sofisticado do conceito lógico de generalizabilidade, bem como dos métodos operacionais para alcançá-la. Evidentemente,

outros cientistas tem problemas de amostragem — geneticistas, por exemplo —, e cientistas sociais têm encontrado orientação nos trabalhos de outras disciplinas. Não obstante, os problemas de amostragem e de generalizabilidade são maiores no estudo do comportamento social. Pesquisa de *survey* é um veículo excelente para o desenvolvimento de métodos úteis e, por extensão, de entendimento mais amplo.

O ato de medir é outro exemplo dos problemas da pesquisa de *survey*. Suponha que você está tentando medir algo como preconceito. Não há conceituação clara ideal a partir da qual trabalhar, nem há operação de medição fácil, disponível para se aproximar desse ideal. Se você usar técnicas de *survey*, o problema é ainda mais básico. Você pode descobrir que um item do questionário produz uma resposta preconceituosa de um respondente, enquanto outro item gera uma resposta não-preconceituosa. Mais ainda, uma pequena variação na redação de um item pode afetar a resposta obtida.

Do mesmo modo, os cientistas sociais reconhecem que a simples presença dos pesquisadores pode afetar os entrevistados. Pedir uma opinião pode cristalizar mais ainda a opinião que existia antes da entrevista; alguns participantes formam opiniões na hora. Seria como se nas ciências físicas uma barra de metal esticasse ou encolhesse de comprimento quando um físico chegasse para medi-la. Claramente, a situação enfrentada pelos cientistas sociais requer uma compreensão mais sofisticada de conceituação e medição. A multiplicidade de variáveis relevantes e a natureza complexa e probabilística de causação no comportamento social pedem um entendimento mais sofisticado do que a ciência realmente é. A lista de exemplos seria interminável.

Neste contexto, observe-se que as “ciências fáceis” não são tão claras e diretas como se imagina. Por exemplo, os físicos sabem que não podem simultaneamente medir o lugar e a velocidade de um objeto; medir um afeta o outro. Cientistas médicos são obrigados a usar *placebos* (pílulas de açúcar, por exemplo) para testar drogas novas porque alguns pacientes parecem melhorar quando acreditam estar recebendo uma poderosa droga nova e/ou porque os próprios pesquisadores médicos podem ver desenvolvimentos otimistas em pacientes que eles acreditam estar recebendo a nova droga. Ao mesmo tempo, físicos nucleares afirmam que partículas se movendo numa certa direção sem receber impulso adicional *provavelmente* continuarão a se movimentar naquela mesma direção.

Em suma, as ciências sociais são um exemplo ímpar do que o físico Heinz Pagels chama de *as ciências da complexidade*.¹²

Pagels argumenta que o desenvolvimento do computador representa uma inovação na possibilidade de lidar com sistemas complexos, e em nenhuma área isto é mais verdade do que nas ciências sociais. Sugiro até que o computador será para as ciências sociais o que o telescópio foi para a astronomia e o microscópio para a biologia. Neste processo, as ciências sociais expandirão radicalmente nossa visão do que pode ser a *ciência*.

Notas

¹ BOTTOMORE, T. B., RUBEL, Maximilien (Ed.). *Karl Marx: Selected Writings in Sociology and Social Philosophy*. New York: McGraw-Hill, 1956. Ver página 208 para as questões citadas.

² LAZARSFELD, Paul F., OBERSCHALL, Anthony R. Max Weber and Empirical Research. *American Sociological Review*, p.185-199, abr. 1965.

³ Ver, por exemplo, HYMAN, Herbert. *Secondary Analysis of Sample Survey*. New York: John Wiley & Sons, 1972.

⁴ Uma ótima revisão da obra de Stouffer pode ser encontrada no livro póstumo de STOUFFER, Samuel A. *Social Research to Test Ideas*. New York: Free Press, 1962.

⁵ Ver STOUFFER, Samuel A. et al. *The American Soldier: Studies in Social Psychology in World War II*. Princeton: Princeton University Press, 1949 e 1950. v.I-V.

⁶ STOUFFER, Samuel A. *Communism, Conformity and Civil Liberties*. Garden City: Doubleday & Company, Inc., 1955.

⁷ LAZARSFELD, Paul F. *The People's Choice*. New York: Columbia University Press, 1948.

⁸ Ver KENDAL, Patricia, LAZARSFELD, Paul F. Problems of Survey Analysis. In: MERTON, Robert, LAZARSFELD, Paul (Ed.). *Continuities in Social Research Studies in the Scope and Method of the American Soldier*. New York: Free Press, 1950.

⁹ GLOCK, Charles Y., RINGER, Benjamin B., BABBIE, Earl R. *To Comfort and to Challenge*. Berkeley, CA: University of California Press, 1967.

¹⁰ MAZUR, Allan. The Littlest Science. *American Sociologist*, p.195-200, ago. 1968.

¹¹ TROW, Martin. Education and Survey Research. In: GLOCK, Charles Y. (Ed.). *Survey Research Methods in the Social Sciences*. New York: Russell Sage Foundation, 1967. p.315-375.

¹² PAGELS, Heinz. *The Dreams of Reason*. New York, NY: Simon & Schuster, 1988.

Leituras Adicionais

BAINBRIDGE, William Sims. *Survey Research: A Computer-Assisted Introduction*. Belmont, CA: Wadsworth, 1989.

DILLMAN, Don A. *Mail and Telephone Surveys: The Total Design Method*. New York: John Wiley & Sons, 1978.

GLOCK, Charles Y. (Ed.). *Survey Research in the Social Sciences*. New York: Russell Sage Foundation, 1967.

LAZARSFELD, Paul F. "Introduction" to Samuel A. Stouffer. In: STOUFFER, Samuel A. (Ed.). *Social Research to Test Ideas*. New York: Free Press, 1962. p.XV-XXXI.

PUBLIC OPINION QUARTERLY, v.51, n.4 (Parte 2). Edição de 50º aniversário (inverno 1987) com vários artigos revendo a história da pesquisa de *survey*.

Desenho de Pesquisa de *Survey*

2

CAPÍTULO 4

TIPOS DE DESENHOS DE PESQUISAS

CAPÍTULO 5

A LÓGICA DA AMOSTRAGEM DO *SURVEY*

CAPÍTULO 6

EXEMPLOS DE DESENHOS DE AMOSTRAGEM

CAPÍTULO 7

CONCEITUAÇÃO E DESENHO DE INSTRUMENTOS

CAPÍTULO 8

CONSTRUÇÃO DE ÍNDICES E ESCALAS

Os cinco capítulos da Parte 2 abordam diversos aspectos do desenho do *survey*. Examinaremos alguns dos diferentes tipos possíveis de *surveys*, a seleção de amostras e a importante questão da medição.

Há uma tendência a considerar a análise de dados de *survey* como mais desafiadora e excitante do que o desenho do *survey* e a coleta de dados. Confesso sentir isto e desconfio que a maioria dos outros pesquisadores de *survey* concordariam. Durante a análise, começa-se a ganhar entendimento do assunto estudado e pode-se compartilhar as descobertas com os colegas.

Mas é errado supor que o desenho do estudo é menos desafiador do que a análise ou requer menos brilho e engenhosidade. Frequentemente, aliás, a engenhosidade se torna necessária na análise do *survey* justamente porque esteve ausente no desenho e na execução da pesquisa. Mesmo podendo achar satisfação na superação de problemas de desenho através de manipulações analíticas inteligentes, deve continuar sendo

motivo de embaraço haver tais problemas; muitas vezes se descobre haver problemas de desenho que nenhuma engenhosidade resolve.

Quando fica mais competente nos diversos aspectos do desenho do *survey*, você compreende que ele requer as mesmas capacidades lógicas de solução de problemas que a análise do *survey*. Neste aspecto, o desenho é igualmente excitante e desafiador.

Diversos desenhos de pesquisas são descritos no Capítulo 4, para familiarizá-lo com o leque de opções e ajudá-lo a escolher quais são os mais adequados a cada finalidade de pesquisa.

Os Capítulos 5 e 6 abordam a amostragem de *survey*: o Capítulo 5 trata da lógica da amostragem e o Capítulo 6 apresenta exemplos para esclarecer a implementação daquela lógica na prática.

Depois de discutir amostragem, daremos atenção ao tema da *medição* — começando no Capítulo 7 com a conceituação e o desenho dos instrumentos. Abordaremos o processo através do qual pesquisadores de *survey* refinam seus conceitos e elaboram itens de questionário para medi-los. O Capítulo 8 continua este assunto, abordando a construção de índices e escalas compostos durante a análise de dados. O Capítulo 8 pode parecer cronologicamente fora de ordem, mas coloquei-o ali porque ele completa o fluxo lógico estabelecido no Capítulo 7.

Capítulo 4



Tipos de Desenhos de Pesquisas

“Pesquisa de *survey*” se refere a um tipo particular de pesquisa social empírica, mas há muitos tipos de *survey*. O termo pode incluir censos demográficos, pesquisas de opinião pública, pesquisas de mercado sobre preferências do consumidor, estudos acadêmicos sobre preconceito, estudos epidemiológicos etc. *Surveys* podem diferir em termos de objetivos, custos, tempo e escopo. Vários desenhos básicos podem ser englobados no termo *survey*.

Este capítulo começa com uma breve discussão dos possíveis objetivos da pesquisa de *survey*. Examina em seguida o conceito de *unidade de análise*. Finalmente, descortina uma visão geral das diferentes estratégias disponíveis para atingir suas finalidades.

Finalidades da Pesquisa de *Survey*

Há provavelmente tantas razões diferentes para se fazer *surveys* quanto há *surveys*. Um político pode encomendar um visando a sua eleição. Uma empresa de *marketing* pode fazer um *survey* visando vender mais sabonetes da marca X. Um governo pode fazer um *survey* para projetar um sistema de trânsito de massa ou para modificar um programa de bem-estar social.

A variedade de tais propósitos seria longa demais para enumerá-las todas aqui, porém três objetivos gerais permeiam todos esses interesses: descrição, explicação e exploração. Um *survey* pode visar (e usualmente visa) atingir mais de um destes objetivos, mas é útil examiná-los separadamente.

Descrição

Surveys são freqüentemente realizados para permitir enunciados descritivos sobre alguma população, isto é, descobrir a distribuição de certos traços e atributos. Nestes, o pesquisador não se preocupa com o porquê da distribuição observada existir, mas com o que ela é.

Distribuições por idade e por sexo relatadas pelo U. S. Bureau of Census são exemplos deste tipo de *survey*. De forma semelhante, o Ministério do Trabalho pode procurar descrever a extensão do desemprego no país num ou em vários pontos do tempo. Também o Gallup pode tentar descrever os percentuais do eleitorado que votarão nos vários candidatos a presidente, a distribuição das atitudes com relação à Guerra do Golfo, a distribuição de atitudes em relação à educação sexual nas escolas ou o uso de flúor na água. O percentual de uma população que provavelmente comprará um novo produto comercial é outro exemplo de pesquisa descritiva.

 O *survey* amostral é um veículo para descobrir estas distribuições. A distribuição de traços numa amostra cuidadosamente selecionada de uma população maior pode ser medida e uma descrição comparável da população maior pode ser inferida a partir da amostra. (O Capítulo 5 discute a lógica destas inferências.)

Além de descrever a amostra total (e inferir para a população total), pesquisadores de *survey* muitas vezes descrevem subamostras e as comparam. Assim, o Gallup pode começar com um relato das intenções de votos de todo o eleitorado e depois descrever separadamente Republicanos e Democratas, homens e mulheres, eleitores de diferentes idades etc. As descrições de diversos subconjuntos podem ser comparadas, mas a finalidade primordial é descrever e não explicar as diferenças. (Tais comparações constituem, contudo, um passo intermediário entre a lógica da descrição e a da explicação, como discutiremos mais detalhadamente no Capítulo 13.)

Explicação

Apesar da maioria dos *surveys* visar, pelo menos em parte, à descrição, muitos têm o objetivo adicional de fazer asserções *explicativas* sobre a população. Ao estudar preferências eleitorais, por exemplo, você pode querer explicar por que alguns eleitores preferem um candidato, enquanto outros optam por outro candidato. Ao estudar desemprego, você pode querer explicar por que parte da força de trabalho está empregada e o restante não.

Explicar quase sempre requer análise *multivariada* — o exame simultâneo de duas ou mais variáveis. Preferências por diferentes candidatos políticos podem ser explicadas em termos de variáveis como filiação partidária, educação, raça, sexo, região do país etc. Ao examinar as relações entre preferências por candidatos e as diversas variáveis explicativas, o pesquisador pode tentar “explicar” por que eleitores escolheram um ou outro candidato. (A Parte 4 deste livro aborda longamente a lógica da explicação.)

Exploração

Métodos de *survey* podem também fornecer um “mecanismo de busca” quando você está começando a investigação de algum tema. Por exemplo, durante o Movimento pelo Discurso Livre, na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos anos 60, fiz parte de um grupo de pesquisadores no campus que planejou estudar exaustivamente a natureza, as fontes e as conseqüências do radicalismo estudantil. Embora tivéssemos muitas idéias sobre o assunto, receávamos haver desconsiderado alguns componentes adicionais da situação. Se um grande estudo se baseasse somente em nossas concepções, corríamos o risco de não pegar alguns elementos críticos.

O método da pesquisa de *survey* oferece uma técnica para resolver esta dificuldade. Um questionário foi construído e cerca de cinquenta estudantes de diferentes orientações políticas foram entrevistados em profundidade. Não se fez nenhuma tentativa de selecionar uma amostra representativa de alunos, nem os dados foram coletados de forma padronizada. Os entrevistados foram encorajados a falar livremente sobre seus pontos de vista políticos e suas atitudes com relação ao radicalismo estudantil.

As entrevistas resultaram num desenho de pesquisa largamente revisto para o estudo principal. Os entrevistados mencionaram fatores relevantes ao radicalismo estudantil que não havíamos antecipado. Certas orientações políticas que antes pareciam contraditórias agora faziam mais sentido. Estes fatores adicionais foram subsequenteemente levados em consideração no desenho da pesquisa principal.

Mas há coisas que o estudo exploratório não fez. Primeiro, não respondeu às questões básicas que levaram ao planejamento da pesquisa. Também não elucidou adequadamente a natureza do radicalismo estudantil nem abordou questões sobre as fontes e conseqüências desse radicalismo. O modo como os dados foram colhidos claramente impedia estes resultados. Mas o

estudo exploratório suscitou novas possibilidades, mais tarde exploradas no *survey* mais controlado.

São estes os três objetivos básicos da pesquisa de *survey*. Como comentamos, a maioria dos estudos tem mais de um objetivo (às vezes todos os três), mas estes objetivos provêm princípios organizacionais úteis no desenho de *surveys*. Antes de abordar os tipos específicos de desenhos de estudo possíveis para alcançar estes objetivos, vamos introduzir um termo básico, mas às vezes confuso: *unidades de análise*.

Unidades de Análise

Pesquisa de *survey* fornece técnicas para se estudar quase todo mundo. Esse *mundo* estudado num *survey* são as unidades de análise. Tipicamente, a unidade de análise num *survey* é uma pessoa, mas não necessariamente e, aliás, muitas vezes não é. Quaisquer que sejam as unidades de análise, dados são colhidos para se descrever cada unidade individual (por exemplo, uma pessoa). As muitas descrições, então, são agregadas e manipuladas para descrever a amostra estudada e, por extensão, a população representada pela amostra.

Numa pesquisa de mercado sobre as preferências de consumo das marcas X e Y, cada consumidor amostrado e estudado é a unidade de análise. Cada um é descrito em termos da marca que prefere. As várias preferências são, então, agregadas para descrever a população de consumidores em termos de percentagens de predileção pelas duas marcas. Num *survey* sobre desemprego, quem integra a força de trabalho é a unidade de análise. Cada um é descrito como empregado ou desempregado. Estas descrições individuais são então usadas para descrever toda a força de trabalho em termos de taxa de desemprego.

As unidades de análise são tipicamente pessoas, mas podem também ser famílias, cidades, estados, nações, companhias, indústrias, clubes, agências governamentais etc. Em cada caso, as unidades individuais de análise são descritas e estas descrições, agregadas para descrever a população representada pelas unidades. Por exemplo, você pode colher dados descrevendo cidades de um país. Cada cidade pode ser descrita em termos do tamanho da população e todas as cidades do país podem, então, ser descritas em termos da população média. Variáveis adicionais descrevendo as cidades podem ser introduzidas para explicar por que algumas cidades são maiores do que outras.

Evidentemente, um determinado *survey* pode envolver mais de uma unidade de análise. Um *survey* de residências numa certa cidade pode tentar prover a seguinte informação: percentual de estruturas residenciais em condições deterioradas, distribuição racial dos chefes de família, renda familiar média anual, taxa de desemprego e distribuição etária-sexual da população residente. Nestes exemplos, as unidades de análises seriam, respectivamente, estruturas residenciais, residências, famílias, membros da força de trabalho e residentes.

Unidades de análise num *survey* podem ser descritas com base em seus componentes. Por exemplo, cidades podem ser descritas quanto às suas taxas de desemprego ou composições raciais. *Surveys* podem ser feitos para viabilizar estas descrições. Se, porém, o objeto da pesquisa for descrever cidades e agregar as várias descrições para descrever todas as cidades, então a unidade básica de análise para o estudo é a cidade. Ao mesmo tempo, unidades de análise podem ser descritas em termos dos grupos a que pertencem. Assim, indivíduos podem ser descritos em termos do número de pessoas nas famílias ou da condição das suas estruturas residenciais.

A aplicabilidade dos métodos de *survey* a diversas unidades de análise por vezes confunde o pesquisador principiante e resulta na seleção de uma unidade de análise inapropriada para uma linha de investigação particular. Os perigos da falácia ecológica devem ser conscientemente evitados.¹

Suponha que você pretende explorar a possível relação entre raça e crime: são os negros ou os brancos que mais provavelmente terão comportamento criminoso? A unidade apropriada de análise para esta investigação é o indivíduo. Amostras de respondentes negros e brancos serão estudadas e suas respectivas taxas de criminalidade computadas e comparadas.

Entretanto, considerando a disponibilidade de certos dados municipais, você pode ficar tentado a abordar o problema de outra forma. É possível obter facilmente taxas gerais de criminalidade nas cidades mais importantes do país, assim como achar dados sobre a composição racial destas cidades. Analisando estes dados, você pode descobrir que as taxas de criminalidade são mais altas em cidades com maior proporção de população negra. Daí, você pode concluir que negros têm taxas de criminalidade mais altas do que brancos. No entanto, esta linha de investigação está sujeita à falácia ecológica, porque não há garantia de que crimes cometidos em cidades predominantemente negras foram cometidos por negros. É concebível que as taxas mais altas de criminalidade podem

ocorrer entre brancos residindo em áreas predominantemente negras. Tal má interpretação não seria possível se você tivesse utilizado a unidade de análise correta.²

Qualquer que seja a natureza dos dados usados para descrever as unidades de análise, é importante que eles sejam previamente identificados. Do contrário, o desenho da amostra e os métodos de coleta de dados podem impedir a análise mais apropriada ao estudo. Se houver mais de uma unidade de análise no estudo, esta consideração se tornará ainda mais importante. Um exemplo final deve esclarecer.

Suponha que, num estudo da população de residências numa certa cidade, você decida colher dados através de entrevistas com os chefes de uma amostra de famílias, mas queira fazer afirmações sobre estruturas residenciais, residências, famílias e pessoas. Dados sobre as estruturas podem ser coletados perguntando questões relevantes aos entrevistados (qual é a idade da sua casa?) e por meio de observações (quando andares tem a casa?). Dados sobre a residência também podem ser coletados entrevistando (quantas famílias moram nesta casa?) e observando (qual é a raça do chefe da família?). Pode-se pedir dados ao respondente para descrever as famílias residentes (qual é a renda anual?) e os indivíduos residentes (qual o sexo e a idade de cada pessoa?).

Num estudo complexo como este, com várias unidades de análise, deve-se ter cuidado especial na organização dos dados para análise. Se você quiser determinar o percentual de estruturas residenciais em estado deteriorado, cada estrutura deve ser descrita apenas uma vez na computação, independentemente do número de famílias ou pessoas morando lá. Se você quiser determinar o percentual da população residindo em estruturas deterioradas, cada estrutura deve ser lançada na computação tantas vezes quantas forem as pessoas morando nela. Por exemplo, se cinco pessoas residem numa estrutura deteriorada, cada pessoa deve ser descrita como morando numa estrutura deteriorada e todas as pessoas descritas seriam agregadas para descrever a população da cidade.

O caminho mais seguro a seguir num *survey* complexo como este é criar arquivos separados de dados para cada unidade de análise. Neste exemplo, você deve criar um arquivo para estruturas, um para residências, um para famílias e outro para pessoas. Cada arquivo conterá todos os dados relevantes para análise daquela unidade, mesmo que inicialmente os dados possam ter sido colhidos de outra unidade de análise.

Assim, cada arquivo de pessoas pode ter indicação da raça do chefe da família à qual a pessoa pertence. Uma vez determinada a unidade de análise para uma determinada computação, você pode fazê-la facilmente usando o arquivo de dados correspondente.

Desenhos Básicos de *Surveys*

Após especificar os objetivos e as unidades de análise do seu *survey*, você pode escolher entre diversos desenhos diferentes. Nesta seção, discutiremos *surveys interseccionais* [*cross-sectional*] e *surveys longitudinais* e o uso de *surveys* interseccionais como aproximação de *surveys* longitudinais. Na seção seguinte, discutiremos variações destes desenhos básicos.

Surveys Interseccionais

Num *survey* interseccional, dados são colhidos, num certo momento, de uma amostra selecionada para descrever alguma população maior na mesma ocasião. Tal *survey* pode ser usado não só para descrever, mas também para determinar relações entre variáveis na época do estudo.

Uma pesquisa para determinar intenções de votos é um exemplo de pesquisa interseccional. Vale a pena notar que, tipicamente, se indaga aos entrevistados: "Se a eleição fosse hoje, em quem você votaria?" Os resultados são apropriadamente relatados assim: "Se a eleição fosse hoje, o candidato X venceria disparado." Um *survey* para determinar taxa de desemprego descreveria o desemprego da população na época do estudo.

Do mesmo modo, um *survey* interseccional da relação entre religiosidade e preconceito relataria esta relação na época do estudo. Você pode relatar que pessoas religiosas são mais preconceituosas do que pessoas irreligiosas, mas reconhecendo que esta relação pode mudar posteriormente. Um *survey* subsequente poderia encontrar uma relação bem diferente. (Em geral, porém, tais relações tendem a persistir mais tempo do que as descrições.)

Surveys Longitudinais

Alguns desenhos de *survey* — descritivos ou explicativos — permitem análise de dados ao longo do tempo. Dados são coletados em tempos diferentes, e relatam-se mudanças de

descrições e de explicações. Os principais desenhos longitudinais são *estudos de tendências*, *estudos de cortes* e *estudos de painel*.

Estudos de Tendências. Uma população pode ser amostrada e estudada em ocasiões diferentes. Ainda que pessoas diferentes sejam estudadas em cada *survey*, cada amostra representa a mesma população. As pesquisas eleitorais no decorrer de uma campanha política são um bom exemplo de estudos de tendências. Diversas vezes, durante a campanha, amostras de eleitores são selecionados e perguntados em quem votarão. Comparando os resultados das várias pesquisas, os pesquisadores podem determinar mudanças nas intenções de voto.

No estudo constante do preconceito nos EUA, freqüentemente os entrevistados são indagados se acham que crianças negras e brancas deveriam estudar na mesma escola. Com o passar dos anos, os percentuais a favor de escolas racialmente integradas vêm aumentando consistentemente. Tais dados permitem que pesquisadores observem tendências nas atitudes com relação à integração racial.

Deve ser ressaltado que estudos de tendências muitas vezes envolvem longos períodos de coleta de dados. Tipicamente, você não colhe pessoalmente todos os dados usados num estudo de tendências, mas, ao invés, faz uma análise secundária de dados coletados ao longo do tempo por vários outros pesquisadores.

Até agora comentamos apenas estudos descritivos de tendências, mas não há motivos para um pesquisador não examinar tendências nas relações entre variáveis. Um exemplo é a relação entre filiação religiosa e preferência política. Tradicionalmente, católicos e judeus nos EUA tendem a votar no Partido Democrata mais do que os protestantes, mas esta relação pode ser examinada ao longo do tempo.

Estudos de Coortes. Estudos de tendências se baseiam em descrições de uma população *geral* (como eleitores americanos) ao longo do tempo, embora mudem os integrantes daquela população. Pessoas vivas e representadas no primeiro estudo podem ter morrido por ocasião do segundo, e pessoas ainda não nascidas, quando do primeiro estudo, podem estar representadas no segundo. Assim, um estudo de tendências de atitudes entre estudantes numa universidade reflete uma população diferente de estudantes cada vez que um *survey* é feito.

Um estudo de coortes focaliza a mesma população específica cada vez que os dados são coletados, embora as amostras estudadas possam ser diferentes. Por exemplo, podemos selecionar uma amostra de estudantes se formando na universidade

em 1990, para medir suas atitudes em relação ao trabalho. Cinco anos depois, selecionamos e estudamos outra amostra da mesma turma. A amostra é diferente a cada vez, mas continuamos descrevendo a turma de 1990. (Se estudássemos os formandos de 1995 na segunda vez, teríamos um estudo de tendências de turmas de formandos e não um estudo de coorte da turma de 1990.)

O exemplo seguinte ilustra um tipo diferente de estudo de coorte. Num momento, você pode selecionar uma amostra de todos os americanos entre vinte e trinta anos de idade. Dez anos mais tarde, a amostra será de pessoas dos trinta aos quarenta, e assim por diante. Isto é um estudo de coorte de um determinado grupo de idade. O mesmo estudo pode ser feito através de análise secundária de dados previamente colhidos. Numa ocasião, você pode analisar os entrevistados com vinte anos no estudo de 1970, os de trinta num estudo em 1980, os com quarenta num estudo em 1990 e assim por diante.

Estudos de Painel. Tanto os estudos de tendências como os de coorte permitem análise de processo e mudança no tempo, o que é difícil num *survey* interseccional. Mas esses métodos têm severas desvantagens. Um estudo de tendências pode determinar que os eleitores, como um grupo, estão mudando do candidato A para o B, mas não indica *quais* pessoas estão mudando, atrapalhando tentativas de explicar por que está ocorrendo esta mudança.

Estudos de painéis envolvem a coleta de dados, ao longo do tempo, da mesma *amostra* de respondentes, que se chama *painel*. Num estudo político, você pode reentrevistar todos os membros do seu painel em intervalos mensais durante a campanha eleitoral. Cada vez você pergunta em quem votariam; se ocorrer mudança, você saberá quais pessoas mudaram em qual direção. Analisando outras características de quem muda e de quem não muda, talvez você possa explicar as razões da mudança. (Claro que você também perguntaria aos membros do painel por que haviam mudado as intenções de voto.)

Exceto em certos casos limite, estudos de painel têm de ser realizados como parte de um programa de pesquisas. Enquanto estudos de tendências e de coortes podem ser feitos através de análise secundária de dados coletados previamente, estudos de painel não podem. Conseqüentemente, tendem a ser caros e demorados, além de sofrerem de dois outros problemas.

Esgotamento de Painel, o primeiro problema, se refere ao montante de não respostas que ocorrem nas últimas ondas de entrevistas. Algumas pessoas entrevistadas no primeiro

survey podem não querer ou não poder participar posteriormente. O ponto forte dos estudos de painel é a capacidade de examinar os mesmos respondentes em diferentes ocasiões; esta vantagem se perde quando respondentes não participam de diversos *surveys*.

Segundo, a análise dos dados do painel pode ser bem complicada. O principal mecanismo analítico é a *tabela de mudanças*, que faz tabulações cruzadas de alguma característica em mais de uma ocasião. Por exemplo, respondentes que preferem o candidato A no primeiro *survey* são divididos entre os que continuam a preferi-lo no segundo *survey* e os que agora preferem o candidato B. Os eleitores que, da primeira vez, preferiram o candidato B são divididos de forma semelhante. Aumentando o número de *surveys*, de variáveis e a complexidade das variáveis, a análise e a apresentação dos dados podem se tornar inadministráveis (ver o Capítulo 14 sobre as dificuldades de análises tipológicas).

Por todas estas razões, estudos de painel são realizados com menos freqüência do que outros tipos de *survey*. Mas o estudo de painel é o desenho de *survey* mais sofisticado para a maioria dos propósitos explicativos. (É o que mais se aproxima do clássico experimento em laboratório.)

Aproximação de *Surveys* Longitudinais

Sem dúvida, o *survey* interseccional é o desenho de pesquisa usado mais freqüentemente, embora muitas, senão a maioria, das questões que o pesquisador quer responder envolvam alguma noção de mudança no tempo. Alguns mecanismos podem ser empregados num *survey* interseccional para aproximar o estudo de processo ou mudança.

Primeiro, os respondentes devem fornecer dados relevantes para questões que envolvem processo. Por exemplo, pode-se perguntar a eles a renda da família no ano atual e no anterior, e estes dados usados como se tivessem sido colhidos num estudo de painel com duas ondas de entrevistas, com um ano de intervalo. Mas há dois perigos aqui. Primeiro, que respondentes possam não conseguir informar com exatidão. Quanto mais longe tiverem de ir na memória, menos exata, provavelmente, será a informação prestada. Segundo, os pesquisadores não devem se enganar e interpretar os dados do ano anterior como interseção da população daquele ano, visto que a amostra é limitada à população atual.

Uma segunda forma de aproximar-se de um estudo no tempo é fazer comparações de idade ou de coorte num *survey* interseccional. Numa pesquisa, jovens podem ser menos religiosos que os velhos e isso ser interpretado como um declínio na religiosidade da população. (Por outro lado, o fato de que pessoas tendem a se tornar mais religiosas com a idade pode dar conta completamente das diferenças observadas.) Outro estudo pode descobrir que calouros são intelectualmente menos sofisticados que alunos do quarto ano e concluir que a educação universitária aumenta a sofisticação. (Reconhece, contudo, que a população da qual os novos calouros são tirados pode ser menos sofisticada, apontando para uma tendência e não para um processo. Pode ser também que alunos menos sofisticados que foram calouros há quatro anos atrás saíram da universidade antes da realização do *survey*.)

Finalmente, dados interseccionais podem às vezes ser interpretados logicamente, para indicar um processo temporal. Um estudo do uso de drogas entre estudantes, por exemplo, indicou que todos os que declararam uso de maconha também informaram experiência anterior com álcool. Além disto, todos os estudantes que relataram terem usado LSD também relataram o uso de maconha (e álcool). É razoável concluir, desses dados, que o progresso no uso de drogas é do álcool para a maconha para o LSD. Se, por exemplo, alguns alunos tivessem usado maconha antes do álcool, então o *survey* interseccional devia ter descoberto alguns que haviam usado maconha, mas não álcool. Da mesma forma, deviam ter sido descobertos estudantes que tomaram LSD mas não outras drogas, se o LSD tivesse sido usado antes das outras. Como nenhum estudante assim foi encontrado, enquanto foram encontrados muitos que haviam tomado apenas álcool ou todas as drogas estudadas menos LSD, os pesquisadores concluíram, por motivos lógicos, que o processo temporal passava de álcool para maconha para LSD. (*Nota:* esta conclusão não apóia a suposição de que uma droga leva fisiologicamente à outra.)

Variações dos Desenhos Básicos

A seção anterior delineou os desenhos básicos de *survey*; todo *survey* pode ser caracterizado nos termos discutidos. Ao mesmo tempo, estes desenhos básicos podem ser modificados de vários modos para se enquadrarem no que requer

uma determinada pesquisa. Esta seção aborda algumas das modificações mais comuns.

Amostras Paralelas

Um problema de pesquisa pode às vezes ser particularmente relevante para mais de uma população. Por exemplo, se você for um pesquisador educacional, pode querer amostrar as atitudes dos estudantes em relação à proposta de um código de conduta estudantil. Talvez você também se interesse em saber o que os professores e até os administradores escolares acham do código. Neste caso, você pode amostrar cada população separadamente e administrar o mesmo questionário (ou outro ligeiramente modificado) a cada amostra. Os resultados seriam então comparados. Num outro exemplo, você pode querer examinar as crenças religiosas de fiéis da Igreja Metodista e compará-las com as crenças do clero metodista. Novamente, cada população seria amostrada e estudada. Tais estudos são denominados *amostras paralelas*.

Em alguns casos, a amostra de uma população pode ser usada para gerar a amostra da outra. Por exemplo, estudantes universitários podem ser amostrados, e questionários, enviados aos estudantes e seus pais. As respostas dos alunos como um todo podem ser comparadas às respostas dos pais como um todo.

Estudos Contextuais

Como observamos ao discutir unidades de análise, pessoas podem ser descritas em termos dos grupos a que pertencem. Assim como se pode descrever uma família como grande, membros desta família podem ser descritos como pertencendo a uma família grande. Colher dados sobre partes do ambiente ou meio da pessoa e usar tais dados para descrever o indivíduo constitui um *estudo contextual* — um exame do contexto do indivíduo.

Usando o exemplo das amostras paralelas, dados colhidos dos pais podem ser usados para descrever seus filhos. Um aluno pode ser descrito como filho de pai politicamente liberal, de mãe idosa etc., e estes dados serem então usados na análise das atitudes do estudante.

Ao estudar membros de igrejas, você pode coletar dados sobre a igreja a que pertence cada um e, talvez, sobre o ministro da mesma. Um membro da igreja pode ser então descrito

como pertencendo a uma igreja rica e grande no centro da cidade, com um ministro abaixo dos quarenta anos.

Entretanto, tais análises exigem que os dados colhidos sobre os contextos dos respondentes sejam identificados com eles, de forma a serem incluídos nos seus arquivos de dados. Isto não pode ser feito enviando questionários anônimos à amostra de estudantes e pais. Os estudantes têm de ser identificados no questionário (por nome ou número) e os pais serem identificados de alguma forma que os ligasse aos filhos.

Estudos Sociométricos

Tipicamente, *surveys* estudam uma amostra de uma determinada população, coletando dados sobre os indivíduos na amostra, para descrever e explicar a população que representam. Todavia, o formato básico do *survey* pode ser usado para um exame mais abrangente de algum grupo, observando as inter-relações entre seus membros. Um bom exemplo é o *estudo sociométrico*.

Suponha que você queira aprender algo sobre a seleção de amigos íntimos entre crianças na escola. Você pode fazer um *survey* convencional entre uma amostra de alunos e pedir-lhes várias informações sobre os amigos mais próximos. Num desenho sociométrico, você estudaria *todos* os alunos numa sala e pediria a cada um que identificasse os amigos pelo nome. Desta forma, você pode descobrir que Jack escolheu Bill como melhor amigo, mas Bill, por sua vez, escolheu Frank. Você pode também descobrir que cinco alunos da sala escolheram Mary como sua melhor amiga e ninguém escolheu Ruth. Estas espécies de análises podem crescer em complexidade, para possibilitar um exame abrangente de toda uma rede de amizades. Procurando explicar por que certos estudantes foram mais escolhidos do que outros, você teria um corpo de dados sobre os estudantes escolhidos, a partir dos auto-relatos de características, incluindo quem eles escolheram.

Deste modo, você pode examinar vários possíveis fatores que governam a formação de amizades, incluindo variáveis como sexo, raça, status econômico e inteligência. A coleta de dados de todos os membros do grupo poupa ao pesquisador ter que pedir aos participantes descrever detalhadamente suas seleções; além disso, você teria acesso à rede de amizades. Variantes desta técnica podem ser usadas com qualquer grupo e a pesquisa pode ser conduzida ao longo do tempo ou de forma interseccional.

Escolhendo o Desenho Adequado

Dadas as várias opções disponíveis ao pesquisador de *surveys*, a questão é "Qual desenho devo escolher?" Esta pergunta não pode ser respondida em abstrato, porque diferentes problemas de pesquisa requerem desenhos diferentes. Mesmo assim, podem-se dar algumas diretrizes gerais.

Primeiro, se seu objetivo for uma descrição de tempo único, um *survey* interseccional é provavelmente o desenho mais apropriado. Você identifica a população relevante, seleciona uma amostra de respondentes e faz o *survey*. A mesma opção se aplica a uma pesquisa na qual interessa descrever subconjuntos. Caso você pretenda documentar diferenças de atitudes políticas entre homens e mulheres, pode consegui-lo com um *survey* interseccional.

Mais comumente, porém, você se interessa em examinar algum tipo de processo dinâmico, com mudanças ao longo do tempo. Por exemplo, ao lidar com as fontes e/ou consequências da religiosidade, a questão da mudança no tempo fica implícita, se não explícita. Implicitamente se supõe que algumas pessoas se tornam religiosas e que ser religioso tem efeitos subsequentes em atitudes e/ou comportamentos. O ideal é selecionar uma amostra de respondentes num ponto da vida antes de desenvolverem uma orientação religiosa e estudá-los ao longo do tempo, cobrindo o período durante o qual alguns deles se tornam religiosos, acompanhando-os durante o período em que a religiosidade tem efeitos sobre outros aspectos de suas vidas.

Um estudo assim leva anos para se completar. Provavelmente, você começa com uma amostra de pré-adolescentes e os segue através da meia-idade até se tornarem idosos. O tempo e custo exigidos por um estudo assim provavelmente o inviabilizariam. Por isto, tais temas são mais freqüentemente trabalhados em *surveys* interseccionais. Em vez de observar os efeitos de várias condições e experiências sociais enquanto ocorrem, você examina seus possíveis efeitos comparando respondentes que passaram por estas condições e experiências no passado com aqueles que não passaram.

Por exemplo, pessoas casadas geralmente são menos religiosas que as não casadas. O estudo de painel permite observar o declínio de religiosidade em alguns participantes após o casamento. Mas o *survey* interseccional permite comparar os níveis de religiosidade entre casados e não casados

num dado momento, observando menos religiosidade em geral nos respondentes casados. Embora você não possa observar o efeito do casamento na religiosidade na época do casamento, pode querer inferir este efeito com base na diferença neste tempo único.³ (A Parte 4 aborda a lógica destas inferências.)

Surveys de painel são mais viáveis quando o fenômeno estudado tem duração relativamente curta. Uma campanha eleitoral é um exemplo. Como uma campanha deve durar menos de um ano, é possível fazer diversas ondas de entrevistas com o painel do *survey* durante a campanha, monitorando mudanças nas intenções de votos neste período e coletando dados relevantes à explicação destas mudanças. Com tão curta duração, devem ser reduzidas as dificuldades de esgotamento do painel, e fica mais fácil localizar os respondentes. (Num período mais longo, muitos respondentes podem se mudar da cidade e fica mais difícil localizá-los.)

Resumindo, sempre que o problema de pesquisa envolver o exame de mudanças individuais no tempo, o *survey* de painel seria teoricamente o desenho mais apropriado. Se o processo de mudança ocorrer durante um tempo relativamente curto, o *survey* de painel pode ser viável. Mais comumente, porém, o pesquisador é obrigado a depender de dados interseccionais para inferir o processo de mudança nos indivíduos com o passar do tempo.

Se, por outro lado, o problema de pesquisa tratar pouco de amplas tendências temporais — do ponto de vista descritivo —, as dificuldades serão menores na maioria dos casos. Em muitas situações, você verá que outros pesquisadores já coletaram e relataram todos os dados que você precisa. Por exemplo, se tiver interesse nas mudanças gerais de atitudes com relação à Guerra da Indochina, você vai descobrir que pesquisadores acadêmicos e comerciais vêm colhendo informações relevantes há anos. Sua tarefa, então, pode ser apenas localizar tais estudos, comparar a natureza dos itens de questionário e os desenhos de amostras, para discutir as mudanças observadas. Em outras situações, você pode verificar que só um *survey* colheu dados relevantes ao seu interesse de pesquisa ou que o último estudo realizado já está defasado. Em tal caso, você pode querer fazer um novo *survey* interseccional — comparável em desenho amostral e itens de questionário — a fim de fornecer uma nova medição visando um exame de tendências.